

Jpna4

ÍNDICE PORTO página 2. UP página 4. CULTURA página 8. PAÍS página 11. CIÊNCIA E TEC página 13. DESPORTO página 14.
MUNDO página 16.

Alunos da U. Porto manifestam-se contra o sistema de acção social página 4



Estado vai investir na remodelação de 21 esquadras do Porto

Daniela Espírito Santo - jpn@icicom.up.pt

Plano de reforma das instalações da PSP e da GNR no distrito do Porto foi apresentado, esta sexta-feira, durante a inauguração da 3.ª esquadra do Bonfim. Investimento total

O pretexto foi a inauguração da nova esquadra da PSP na freguesia do Bonfim, e serviu para o Secretário de Estado da Administração Interna, Rui Sá Gomes, apresentar um relatório dos investimentos que vão ser feitos nas instalações de 21 esquadras do distrito do Porto.

Quinze milhões de euros é quanto o Ministério de Administração Interna promete investir na recuperação das instalações das forças policiais. Mais 15,8 milhões de euros serão aplicados na construção de novas infra-estruturas.

De entre as 21 esquadras que vão ser requalificadas encontram-se algumas pertencentes ao concelho do Porto: Cedofeita, Foz, Aldoar, Viso, Lagarteiro, Campo Lindo e Paranhos. Só nestas sete freguesias o investimento será de cerca de 3 milhões de euros.

Rui Sá Gomes garantiu estar “consciente” da degradação das actuais instalações, que

serão as “próximas prioridades”. “Cerca de 96% de esquadras em estado de degradação”

Paulo Rodrigues alerta para o mau estado das instalações da polícia ao qual os cidadãos não são alheios: “Neste momento continuamos com muitas esquadras degradadas no Porto, a ponto de alguns cidadãos já terem feito queixas à polícia de que não queriam entrar em determinada esquadra por não existirem condições”.

Paulo Rodrigues diz mesmo que “o cenário do comando metropolitano da PSP do Porto é um cenário caótico, temos cerca de 96% de esquadras em estado de degradação”.

Segundo Paulo Rodrigues há duas situações prioritárias a melhorar. A primeira passa pela “valorização dos recursos humanos, é preciso ter pessoal motivado para melhorar a qualidade do serviço para se sentirem preparados para tudo e mais alguma coisa para se sentirem bem a desempenharem o serviço que desempenham”. A outra consiste no “melhoramento das condições a nível de equipamento”, avisa o sindicalista.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/03>

Foto: Melanie Antunes



Apresentação do plano de reforma das esquadras do Porto

CDU propõe plano anti-crise para o concelho do Porto

Miguel de Azevedo Carvalho - ljcc05065@icicom.up.pt

Congelamento das rendas e diminuição do IMI são algumas das dozes medidas que deverão ser aplicadas já no início de Abril.

Rui Sá, vereador da CDU na Câmara do Porto, aproveitou a visita desta segunda-feira à instituição de solidariedade social “Coração da Cidade”, para apresentar um pacote de doze medidas para combater as dificuldades financeiras vividas no concelho do Porto.

Baixar o Imposto Municipal de Imóveis (IMI) a senhorios que não aumentem a renda é uma das medidas propostas pela CDU à autarquia portuense, assim como a flexibilização dos critérios de atribuição de

casas municipais e a oferta de descontos no acesso a serviços e equipamentos camarários para reformados, pensionistas e famílias com baixos rendimentos.

Ao JPN, Rui Sá revelou que já propôs ao PS e à maioria PSD-CDS a formação de um grupo de trabalho para discutir medidas para minimizar a crise e que o actual pacote vem no seguimento dessa proposta. Acabado de sair de uma reunião camarária em que o assunto foi abordado, Rui Sá falou na “disponibilidade” de Fernando Assis e Rui Rio e reiterou que Abril é a meta a atingir.

“Temos que trabalhar bem até ao final de Abril por duas razões: pela própria crise e pelo aproximar de eleições”, defendeu o

vereador comunista. Na opinião de Rui Sá, todas as medidas são igualmente importantes, mas as mais urgentes são o congelamento da renda técnica que permitiria uma “poupança imediata às pessoas” e a redefinição do cálculo das rendas a pagar de modo a que os subsídios não sejam incluídos para não “inflacionarem o valor a pagar” pelos inquilinos.

O vereador comunista pretende que o plano seja aprovado em reunião camarária de modp a confirmar a sua aplicação já no mês de Abril. A importância do plano, defende Rui Sá, prende-se com a “vulnerabilidade do Porto à crise”, como atesta o número de desempregados, o valor mensal das pensões e o número de residentes em habitações sociais.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/03/31/>

Vereador da CDU quer que o plano seja aplicado já em Abril



Foto: Arquivo JPN

UP aprova fundo de apoio aos estudantes mais carenciados

Andreia Azevedo e Mariana Albuquerque - jpn@icicom.up.pt

Universidade vai lançar dois suplementos financeiros para ajudar alunos com dificuldades. Medida foi anunciada em dia de manifestação dos estudantes em frente à Reitoria.

Os Serviços de Acção Social da Universidade do Porto (SASUP) vão criar dois suplementos de apoio aos alunos mais carenciados: um subsídio de emergência e uma bolsa extra. Evitar o cancelamento de matrículas por incapacidade de pagamento de propinas é o grande objectivo da medida .

A decisão - que terá sido deliberada em reunião do Senado da UP, a 11 de Março - foi anunciada, esta quarta-feira, depois de uma manifestação encabeçada pela Associação de Estudantes da FLUP, juntamente com outros alunos da UP, às portas da Reitoria. Recebidos por Maria de Lurdes Fernandes, vice-reitora e provedora dos estudantes da universidade, os representantes da AEFLUP queixaram-se sobre o atraso na atribuição de bolsas de estudo

e a falta de apoios para suportar as despesas dos alunos.

No final da reunião, Ruben Coelho, presidente da AEFLUP, demonstrou o seu contentamento perante a medida divulgada. “Senti que a Reitoria se preocupou e que fomos ouvidos”, declara. Fonte da Reitoria revelou ao JPN que os fundos vão entrar em vigor brevemente, mas que “a Reitoria está de mãos atadas, uma vez que os apoios vêm do Governo”.

“Mentira do dia: Acção Social”, defendem os estudantes

Ao longo da manhã, os alunos aproveitaram a simbologia associada ao dia 1 de Abril para demonstrar descontentamento em relação aos serviços de acção social na UP. “Escolhemos o dia 1 de Abril porque é o dia das mentiras e a acção social em Portugal é um verdadeiro engano”, justificou Ruben Coelho.

Os manifestantes concentraram-se em

frente à FLUP por volta das dez e meia e partiram rumo à Reitoria, sempre escoltados pela polícia. Durante a marcha, os estudantes foram interceptados por representantes do Governo Civil, que não conseguiram impedir o protesto.

“A razão desta manifestação é a fraca acção social existente no nosso país, neste caso na Universidade do Porto. A acção social revela-se deficiente e insuficiente. Deficiente porque é um processo moroso e burocrático e insuficiente porque não consegue satisfazer os estudantes nem pagar os seus altos encargos”, afirmava na altura, o presidente da AEFLUP.

O protesto surge no seguimento da barricada protagonizada por alguns estudantes das faculdades de Letras e de Belas-Artes no edifício da FBAUP. Após a divulgação da medida da acção social, a situação voltou à normalidade esta quarta-feira.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/01/>

Estudantes de belas-artes ocupam faculdade para “radicalizar a acção”

Maneira Aires - jpn@icicom.up.pt

Estudantes ocuparam a Faculdade de Belas Artes esta quarta-feira. Críticas visam o aumento das propinas, o processo de Bolonha e a transformação da Universidade do Porto em fundação.

Na manhã desta quarta-feira, os estudantes e professores de Belas Artes depararam-se com as portas da faculdade encerradas a cadeado. Desde madrugada que vários alunos se encontravam barricados no edifício, em protesto contra o aumento das propinas, o processo de Bolonha e a transformação da Universidade do Porto (UP) em fundação.

Às 15h30, a manifestação chegava ao fim. As

portas da FBAUP eram, finalmente, abertas e os estudantes dirigiram-se, então, para a Aula Magna, juntamente com coordenadores da faculdade.

“A ocupação foi pacífica e o nosso maior êxito foi a acção política simbólica porque chamou a atenção da comunidade académica e dos meios de comunicação social para as causas de nossa luta”, diz José Miranda, um dos coordenadores da manifestação. “Há cerca de 15 anos que não havia em Portugal um movimento estudantil que radicalizasse a acção e tivesse reivindicações tão concretas”.

“As propinas irão passar a 1300 euros, o que é um absurdo. A nossa causa é legítima, estamos apenas a tomar um espaço que é dos

estudantes, lembrá-los de que tudo isso é nosso”, ressalva José Miranda, no mesmo dia em que também os estudantes da Faculdade de Letras (FLUP) protestaram junto à Reitoria, contra o apoio social prestado pela universidade.

Um movimento em discórdia

A maioria dos estudantes de Belas Artes diz não ter sido informada da barricada, apesar de ter havido uma reunião na faculdade na tarde de terça-feira. “Até agora não sabemos se essa manifestação, dessa forma que está a acontecer, é uma vantagem ou uma desvantagem. Nós estamos aqui à porta e queríamos ter aulas hoje”, afirma Diana Carvalho, uma das estudantes que foi surpreendida pela barricada.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/01/>

Fotos: Maneira Aires



Ocupação foi registada num blogue



Cláudio Sunkel: “Para mim, não investigar significaria morte”

Ana Maria Henriques - ljcc06014@icicom.up.pt.

Em entrevista ao JPN, o novo director do IBMC fala dos desafios que o esperam. Substituir Alexandre Quintanilha é “uma tarefa difícil”, admite o investigador.

Especialista em Genética, Cláudio Sunkel investiga para tentar “perceber melhor como é que a célula é capaz de se duplicar e dividir, mantendo-se ao longo do tempo tão perfeita”. Com 51 anos, o cientista que nasceu no Chile e estudou em Inglaterra é a nova cara do IBMC. Em entrevista ao JPN, Cláudio Sunkel diz que quer deixar uma marca pessoal na gestão do Instituto, com mudanças ao nível da “orgânica interna” e sempre com a internacionalização em vista. Mote para uma conversa cujo arranque é inevitável...

JPN: Como é substituir Alexandre Quintanilha na direcção do IBMC?

CS: É uma tarefa difícil. Eu trabalhei com o Professor Quintanilha muitos anos, conheço-o desde que ele chegou. Aliás, eu cheguei a esta instituição antes dele. E fiz parte do grupo de pessoas que a desenvolveu, só que mantive um perfil mais low. Eu fiz, faço e pretendo continuar, no futuro, a fazer investigação. Para mim, não fazer investigação significaria morte. Agora tenho que conciliar as duas coi-

sas: a investigação e a gestão. O que não estava dentro da minha alçada era ser a imagem fora da instituição. E, de facto, ele tem um perfil e um carisma que o transformaram numa pessoa muito mediática. Eu não posso tentar imitar o Professor Quintanilha. Tenho que dar a cara pela instituição e tenho que fazer a divulgação do que nós queremos fazer, mas o meu programa não chega só a essa divulgação. Não é só manter a instituição, continuar com aquilo que se tinha vindo a fazer. Eu tenho ideia de que há coisas que têm que ser alteradas.

Quais são as principais mudanças que o novo programa traz ao Instituto?

Uma das coisas a fazer é definir políticas científicas para os próximos anos, e isso tem que ser feito em conjunto com todos os investigadores. Agora que há outros desafios, como a nova Genética, as células estaminais, onde é que o IBMC se posiciona? Depois há outros desafios importantíssimos. O cerne da nossa instituição é a investigação de excelência. Mas não podemos participar em todas as áreas de investigação da Biologia, isso é impossível. E, de alguma forma, vamos ter que definir qual o caminho. Depois há duas coisas fundamentais: a primeira é que a Universidade do Porto está a mu-



Foto: Ana Maria Henriques

“Agora tenho que conciliar investigação e gestão.”

O especialista em genética afirma que substituir Alexandre Quintanilha é uma tarefa difícil, apesar de já o conhecer há vários anos.

dar, com a passagem a Fundação. E o IBMC, conjuntamente com o INEB, aceitou o desafio de participar nessa Fundação. É preciso encontrar o nosso espaço dentro da UP, em conjunto com a reitoria e com as faculdades que trabalham connosco: Ciências, Medicina, ICBAS, Farmácia. E a outra é que temos que ter uma ligação com as empresas. Temos que atrair investimento e convencer os investigadores de que trabalhar com uma empresa é bom, é importante e valoriza os resultados. A investigação é o centro, mas depois é preciso que isso tenha uma tradução e uma valorização.

Essa integração pode passar pela concretização do projecto do I3S?

Uma parte pode ser, embora o projecto I3S tenha uma característica muito mais de aglomeração das três instituições. Mas a ideia do I3S está a ganhar força; fez-se um consórcio que tem vindo a trabalhar no desenvolvimento de um projecto, juntamente com a UP, que está muito interessada em ter uma grande instituição de investigação. Mas é muito mais relacionado com orgânica interna. Seja IBMC ou I3S, vamos ter que ir lá fora buscar colaboradores. Não podemos, de maneira nenhuma, pensar que o I3S vai estar isolado do resto da UP. Tem que ser um sítio onde as faculdades encontrem soluções para os seus problemas.

Falando agora do Cláudio Sunkel, como é que, nascido em Santiago do Chile e descendente de alemães, vem parar ao Porto?

Eu morei no Chile muitos anos, até que a minha família, na altura do Golpe de Estado, se mudou para Inglaterra. Fiz a Licenciatura, o Doutoramento e o pós-Doutoramento em Inglaterra, e fiquei a trabalhar. Os

meus pais voltaram para o Chile, mas eu fiquei por lá. E, quando estava em Inglaterra, conheci uma portuguesa, a mulher com quem depois casei. Ficámos a morar vários anos entre Portugal e Inglaterra, até que decidimos experimentar viver cá, há vinte anos.

Como surgiu o interesse pela Genética?

Comecei a trabalhar no laboratório no primeiro ano da minha Licenciatura, e comecei a fazer investigação com uma mosquinha da fruta, a drosófila, que é um organismo muito utilizado na genética e no estudo da Biologia do desenvolvimento. Interessei-me pela genética e pela utilização dos organismos-modelo para estudar os genes. E, a partir daí, tive uma bolsa do governo inglês para ficar em Inglaterra a fazer o Doutoramento, que foi em Genética. Também foi um momento muito importante na Genética, porque fizeram-se grandes descobertas de como os organismos se desenvolvem e como é que eles se transformam a partir de uma célula, depois da fecundação, num organismo complexo.

E quais os maiores desafios da Genética neste momento?

A Genética deu um salto gigantesco, porque nessa altura nós não tínhamos o conhecimento do genoma que temos agora. Quando estava a trabalhar em Inglaterra, no princípio dos anos 80, a nossa base de dados vinha em disquetes pequeninas, e isso era tudo, uma overdose completa. Agora é conhecido o genoma humano e de muitos organismos. O grande desafio do futuro é começar a perceber como é que essa informação, que está contida nos genes e no genoma, é depois transformada num organismo com características, que se desenvolve, que cresce e que, às vezes, tem doenças.

“Obviamente, sou contra a clonagem humana.”

Companhia de Teatro de Braga comemora centésima produção

Andreia Azevedo - jpn@icicom.up.pt

“Concerto à La Carte” marca regresso de Ana Bustorff aos monólogos. Peça estreia no Theatro Circo, esta terça-feira.

“Este espectáculo visa fazer a singularidade de uma única mulher”, afirma o director artístico da Companhia de Teatro de Braga (CTB), Rui Madeira, sobre um “Concerto à La Carte”. A partir desta terça-feira, a centésima produção do grupo traz a actriz Ana Bustorff de volta à cidade dos arcebispos, no papel de uma mulher solitária que vive na cidade. “É uma vida de nada, de vazio, sempre na procura do amanhã”, explica Rui Madeira.

Sediada no Theatro Circo, de Braga, a CTB assinala então a sua centésima produção com o aguardado regresso de Ana Bustorff. “Só vale a pena arriscar em alguns trabalhos quando se acredita num grupo

de pessoas que nos ajudam a chegar lá. Daí eu regressar à Companhia”, explica ao JPN a protagonista de “Concerto à la Carte” (<http://www.theatrocirco.com/agenda/evento.php?id=409>).

O espectáculo integra um ciclo sobre mulheres que começou com as “Bacantes”, e ao qual se vai seguir “Pesar”. Baseado no monólogo de Franz-Xaver Kroetz, “Concerto à La Carte” é segundo Rui Madeira, “algo que está cada vez mais na ordem do dia, como a guerra, a morte, a fome e a falta de dinheiro, mas fala sobretudo do isolamento”.

Ana Bustorff de volta aos monólogos

Ao interpretar o papel da senhora Rasch, Ana Bustorff volta também aos monólogos. “Eu sempre achei que um monólogo era um acto muito solitário. Já tinha feito alguns e não me apetecia repetir essa ex-

periência e não deixa de ter piada porque estou a repeti-la neste momento”, afirma a actriz.

“Eu queria um espectáculo preparado para ir a mais sítios do mundo e não ficar apenas por Portugal”, admite Ana Bustorff. Afinal, um dos objectivos da equipa é levar o espectáculo a outros países, como França, Itália, Roménia, Brasil, Espanha e Alemanha.

Para Rui Madeira, director artístico, em Portugal é fácil fazer espectáculos com actores conhecidos nos media. Do espectador, Rui Madeira espera “primeiramente surpresa”.

A peça vai estar na Companhia de Teatro de Braga de 31 de Março a 3 de Abril.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/03/30/>



Foto: Antheos II

Theatro Circo de Braga acolhe centésima produção do CTB

A revista que saiu do papel

Não saiu do papel para o digital, mas materializou-se em momentos. A 13.ª edição da revista portuguesa “Um Café” foi “ao vivo”.

Mariana Duarte - ljcc060606@icicom.up.pt

Quando não se escreve, mas se fala, quando não se lê, mas se vê, quando não se está de fora, mas dentro do processo, quando não se é apenas um receptor, mas um receptor-emissor-participante, monta-se uma revista “ao vivo”. Foi o que fez a equipa da “Um Café”. Este mês, a revista aconteceu. Os artigos personificaram-se e foram paginados, por autores e leitores (que também foram autores), em momentos que se compuseram no último sábado, no clube Breyner 85.

A “Um Café” celebrou um ano sem imprimir palavras. Esta publicação, mensal e gratuita, é uma “iniciativa de jovens do Porto, de diferentes campos - literatura, arte, filosofia, ilustração, música, história -, que acreditam na cidade e na cultura do Norte”, diz Ana Neto, redactora desde o início e editora cultural “nestes próximos seis meses” (o cargo é rotativo). Para esta colaboradora, a “Um Café” constitui uma “visão que faltava ao Porto”, uma cidade que está “em grande crescimento” e à qual só falta unir sinergias entre as “muitas pessoas que fazem coisas interessantes”, salienta.

Como forma de marcar a “transição” editorial, que se vai orientar “mais pela arte”, e o primeiro aniversário da “Um Café”, Ana Neto aproveitou o facto de dirigir uma empresa de eventos - a Sociedade Portuense, Outras Tendências (S.P.O.T.) - para “apresentar a revista em forma de evento”. “Vamos

juntar todos os artistas que participaram até agora em tertúlias, num café filosófico, exposições, concertos” e “viver a ‘Um Café’”.

A interactividade sem monitor

Olhar as treze capas da “Um Café” numa instalação, apreciar a ousadia singular dos cartazes publicitários dos vinhos Ramos Pinto ou seguir a montagem da exposição de BD de Rupert Tempest são os vários acompanhamentos - que se prolongam pelos dois andares de fulgor burguês oitocentista do Breyner 85 - para os cafés de menta-chocolate ou de canela oferecidos à entrada.

Começa-se a tirar o café cheio, com sabor a filosofia. A partir do texto “O Espelho”, uma das micro-estórias que preenchem o livro “Senhor Valéry”, do escritor português Gonçalo M. Tavares, os participantes formulam perguntas que vão estimular a troca de opiniões, moderada por Tomás Carneiro, o fundador da “Um Café”. Em pleno jardim, animado por copos de vinho do Porto, desenlaça-se uma discussão sobre o que é a beleza, a fealdade, a temporalidade ou intemporalidade dos conceitos, a influência do olhar dos outros na construção da nossa identidade.

Foi o “prazer da conversa” que trouxe Chantal à festa da “Um Café”. “É cada vez mais difícil falar com pessoas e ouvi-las se

não for por detrás de um monitor”, afirma a leitora da revista e uma presença assídua nos cafés filosóficos organizados por Tomás Carneiro no Clube Literário do Porto. Maria José Reduto e Né Anselmo são outras seguidoras dos cafés filosóficos. “É um pretexto para ouvirmos os outros, para discutirmos e sermos moderados”, diz Né Anselmo, que promete fazer oficinas filosóficas na loja-atelier que partilha com Maria José, “Coisas Assim”.

Da filosofia passa-se para o workshop sobre medicina chinesa, dirigido para o público mais velho. O leilão dos Galos de Barcelos, obras tradicionais de roupa contemporânea vindos da loja Águas Furtadas, foi o momento mais humorado da tarde e onde se deu asas ao dinheiro para fazê-lo chegar à associação de solidariedade Nariz Vermelho. “Juntámos cerca de 300 euros, o que é bastante bom”, indica Tomás Carneiro.

E como a “Um Café” quer “celebrar aquilo que caracteriza o Porto”, aponta Ana Neto, a rubrica “Café Histórico sobre o Porto”, de Leonor Botelho, não podia deixar de aparecer em forma de tertúlia. O objectivo é chamar a atenção de “pormenores” do Porto que com a “pressa do dia-a-dia” passam despercebidos “aos cidadãos em geral”.

Festival Alternativo promete canção capaz de “conquistar a Europa”

O Festival Alternativo da Canção, que surgiu como uma homenagem ao festival original, conta com dez canções a concurso, apesar de ter recebido 54 candidaturas.

Daniela Espírito Santo - jpn@icicom.up.pt

A primeira edição do Festival Alternativo da Canção surge como uma alternativa às músicas que vão a concurso no Festival da Canção oficial. Tem por objectivo “fazer melhor” do que o que normalmente representa Portugal no evento europeu. No entanto, não pretende ser uma sátira ao festival. É, antes, “uma homenagem”, refere ao JPN Fernando Alvim, mentor do projecto.

“Em Portugal, gosta-se muito de dizer e não fazer nada. Este festival não quer dizer mal, quer é fazer melhor”, salienta Alvim, que não tem dúvidas de que, da edição deste ano, sairá vencedora uma música que poderia “conquistar a Europa”.

É o retorno aos refrões facilmente memorizáveis e às “calças largas”, criando uma “canção que vá molhar o pão aos velhos tempos”, graceja a organização. Talvez por isso não tenha sido difícil garantir a presença de nomes como Eládio Clímaco e Serenella Andrade, os apresentadores do espectáculo.

A organização já esperava que o projecto suscitasse a atenção dos órgãos de comuni-

cação social. “Achamos que é uma boa ideia e, naturalmente, pensamos que outras pessoas também pensassem do mesmo modo. Ao que parece, foi isso que aconteceu”, acrescenta Fernando Alvim.

Esta será a primeira de muitas edições, sendo que as inscrições para a próxima acontecem “antes do final deste ano”, garante a produção.

O espectáculo terá lugar pelas 22h00 no Auditório do Espaço Monsanto, em Lisboa. A entrada é gratuita, apenas sendo necessária uma inscrição prévia no site oficial (<http://www.festivalalternativodacancao.com/index.html>). A final será, ainda, transmitida na Internet através do site da Speaky.tv.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/03/27/>

Sepultura no Ermal

Rita Oliveira - ljjc06016@icicom.up.pt

Após quatro anos de silêncio, o Festival da Ilha do Ermal promete fazer as delícias dos adeptos dos sons mais pesados. Para já, estão confirmadas as presenças dos Sepultura e dos Obituary num cartaz que, no final de Agosto, promete voltar a encher o palco de Vieira do Minho.

Confirmado o regresso do Ermal, Raul

Storm, da Dream&Seduction, disse ao JPN que a produtora está a fazer todos os possíveis para que o evento volte a ser um festival para os amantes do rock e do metal. “As pessoas que trabalham connosco acreditam que o Festival do Ermal tem de sair do ‘coma’ em que se encontrava. E agora compete-nos fazer com que respire novamente, neste primeiro de muitos anos”, declarou.

O responsável da organização revelou ainda que se estão a criar condições no espa-

ço do festival que garantam “uma estadia e visibilidade de qualidade para o nosso público e para os espectáculos”.

O primeiro acto do festival (ver caixa) decorre entre 28 e 30 de Agosto e o preço dos bilhetes é de 45 euros.

Depois da edição de Agosto, os mais afeiçoados podem esperar o regresso do Festival do Ermal em Dezembro, numa edição de Inverno que decorrerá nos dias 19 e 20.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/03/31/>

Mário Soares “desiludido” com lentidão da justiça portuguesa

Sónia Silva Sá - jpn@icicom.up.pt

Em conferência na FMUP, o antigo Presidente da República culpou os “patrões da imprensa” pelo que chama de “campanha” contra o primeiro-ministro no caso Freeport.

O antigo Presidente da República, Mário Soares, acusa a justiça portuguesa de ser “lenta”. O histórico socialista manifestou, esta terça-feira, no Porto, que quer ver rapidamente concluída a investigação do caso Freeport, no que José Sócrates “se viu envolvido”.

Mário Soares lamenta as fugas de informação sobre o processo. “É muito mau para o país que se saiba que, ou da Polícia Judiciária, ou do Ministério Público, ou dos magistrados, há fugas para a comunicação social. Isso é imperdoável”, acusa.

Apesar de tudo, Mário Soares diz confiar na justiça portuguesa. “Os juízes devem estar acima da comunicação social e não a mandar-lhe recados”, adverte.

O socialista apela ao “bom senso dos portugueses” e defende que não se devem “desviar as atenções para questões de baixa política”. Pelo meio, acusou a comunicação social de estar a promover uma campanha contra José Sócrates e defendeu que não se

devem “desviar as atenções para questões de baixa política”.

Aos jornalistas, o histórico do PS elogiou ainda a nomeação de Vítor Moreira como candidato do Partido Socialista (PS) às eleições europeias. “O candidato é bom. Sou amigo dele e é um homem de esquerda que eu respeito”, defende.

“Esperança” em debate na FMUP

Mário Soares falou à margem do II Seminário Nacional de Espiritualidade no Hospital, realizado, esta terça-feira, na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

O Capelão Padre José Nuno, da organização do encontro, afirma que este seminário teve a participação de centenas de pessoas. “Tudo o que seja encontros resultantes dessa perspectiva da esperança que é comum a todas as pessoas humanas, é interessante”, afirma o capelão.

Médicos, enfermeiros, capelães e voluntários - todos se reuniram para falar de esperança.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/01/>

Foto: Carlos Botelho



Mário Soares esteve presente no II Seminário Nacional de Espiritualidade no Hospital

AVC mata dois portugueses por hora

Sónia Silva Sá - jpn@icicom.up.pt

O Acidente Vascular Cerebral é a principal causa de morte em Portugal. Apesar disso, os portugueses não estão totalmente informados sobre o problema.

Por hora, morrem dois portugueses vítimas de Acidente Vascular Cerebral (AVC). Para prevenir a doença, é importante ter hábitos de vida saudáveis. Convém evitar os cinco factores de risco: hipertensão, tabaco, diabetes, arritmias cardíacas e vida sedentária.

Quanto aos sinais de alerta, os portugueses estão informados. No entanto, há quem misture os sintomas de um AVC com os sintomas de um ataque cardíaco, o que pode dar azo a confusões.

Dificuldade em falar, ficar com a boca ao lado e ter menos força num braço - são estes os três sintomas de um AVC. Ao primeiro sintoma, deve-se ir ao hospital.

“Cada vez mais as pessoas estão informadas. Deverá sempre ser accionado o 112”,

defende Zélia Barbosa, que trabalha num lar de idosos.

Já existem unidades especiais para tratar doentes de AVC - as chamadas “Via Verde”. Nestas unidades os doentes recebem tratamento especializado e, por isso, a taxa de complicações diminui, bem como a mortalidade e os custos por doente tratado.

Apesar de ser um problema muito associado ao envelhecimento, também pode atingir os jovens. Jorge Poço, da Sociedade Portuguesa do Acidente Vascular Cerebral (SPAVC), afirma que o AVC pode acontecer a qualquer pessoa, em qualquer idade.

“Tabaco, alimentação com refeições rápidas, em que há um excesso de sal e de colesterol, o próprio stress”, são factores



Foto: Duarte Ferreira

O AVC é a principal causa de morte em Portugal

que podem contribuir para que um jovem sofra um AVC, salienta.

Para além destes factores, existem as causas genéticas. Existem “pessoas que têm doenças com carácter familiar ou que nascem com problemas a nível das artérias do cérebro”, afirma Jorge Poço.

O Dia Nacional do Doente com Acidente Vascular Cerebral é assinalado esta terça-feira com rastreios e acções de informação e sensibilização em vários pontos do país.

O objectivo, segundo a SPAVC, é “reforçar a chamada de atenção para aquela que é actualmente a primeira causa de morte em Portugal, que apresenta uma incidência mais elevada do que nos restantes países da Europa Ocidental”.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/03/31/>

Estudo diz que enxaqueca pode ser hereditária

Verónica Pereira - jpn@icicom.up.pt

Investigadores do Instituto de Biologia Molecular e Celular (IBMC) concluíram que familiares directos têm mais probabilidade de sofrer da doença.

A enxaqueca afecta entre três a quatro vezes mais os familiares directos de quem sofre desta doença. A conclusão é de um estudo desenvolvido por investigadores do Instituto de Biologia Molecular e Celular (IBMC) da Universidade do Porto e do Hospital de Santo António, o qual incidiu sobretudo sobre a componente genética com

a doença. Publicado este mês na revista americana "Headache", o trabalho comparou a frequência da doença em 144 famílias com a frequência da população em geral, num total de 483 pessoas afectadas por ambos os tipos de enxaqueca e os seus familiares (pais, irmãos e filhos).

As causas da enxaqueca estão relacionadas, para além da predisposição genética, com factores ambientais, como é o caso de certo tipo de alimentos, alterações do ritmo do sono ou mudanças de tempo.

Segundo Carolina Lemos, investigadora do IBMC, "pensa-se que as alterações hormonais também podem estar na origem desta doença, o que pode explicar a maior frequência nas mulheres, que é entre duas a quatro vezes superior à dos homens".

A investigadora salienta ainda a importância da procura das causas da doença, para que se possam desenvolver tratamentos mais eficazes. No futuro, os factores genéticos de susceptibilidade continuarão a ser estudados por este grupo de investigadores.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/02/>

Investigadores portugueses dão passo para travar o desenvolvimento de linfomas

Mariana Albuquerque - jpn@icicom.up.pt

Uma investigação desenvolvida no Instituto de Medicina Molecular de Lisboa identificou um mecanismo capaz de diminuir a proliferação de um vírus herpes ligado ao aparecimento de tumores malignos. O estudo, que contou com a colaboração de investigadores do Instituto Gulbenkian da Ciência e da Universidade de Cornell, nos Estados Unidos da América, vai ser publicado este mês na revista *The EMBO Journal*.

"Há vários vírus herpes que afectam o Homem", esclarece João Pedro Simas, um dos investigadores envolvidos na descoberta. "Um desses vírus chama-se *Epstein-Barr* e

infecta cerca de 90% da população mundial", acrescenta, referindo-se ao vírus sobre o qual incide o estudo. O "*Epstein-Barr*", vírus associado à mononucleose infecciosa (vulgarmente designada de "doença do beijo") é responsável pela proliferação de células infectadas, causadoras de linfomas. "A grande conclusão do estudo foi termos descoberto um mecanismo que permite reduzir a proliferação", declara.

Após quatro anos de investigação, João Simas está confiante em relação às conclusões da pesquisa: "Esta descoberta permite-nos, agora, intervir farmacologicamente, ou

seja, há fármacos que conseguem activar a proteína celular e se nós contrariarmos a inibição provocada pelo vírus, talvez consigamos bloquear a proliferação que depois pode levar ao linfoma."

De acordo com o investigador, o próximo passo é adequar a descoberta ao ser humano, uma vez que os testes foram aplicados apenas ao modelo animal. "O que estamos a planear é colher amostras biológicas de pessoas que sofreram um transplante de medula óssea ou de pessoas infectadas com HIV e tentar aferir se a proteína celular está a ser inactivada pelo vírus *Epstein-barr*"

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/03/31/>

Em entrevista ao JPN, Álvaro Braga Júnior, presidente do Boavista, debruçou-se sobre três grandes temas: os problemas financeiros, o futuro do clube e as relações entre clubes e câmaras municipais. José Pedro Pinto – ljcc06050@icicom.up.pt

Quase um ano depois do processo «Apito Final», que relegou o Boavista para a Liga de Honra, Álvaro Braga Júnior, presidente do clube do Bessa, concedeu uma entrevista ao JPN onde aborda a crise financeira intensa e o futuro dos «axadrezados». Num discurso mais comedido do que o habitual, voltou a tecer críticas à Liga de Clubes, acredita que o emblema centenário será recolocado na Liga Portuguesa e ainda falou de “concorrência desleal” nas relações entre outros clubes e câmaras municipais.

JPN: Em que pé está o processo de resolução dos diversos problemas financeiros do Boavista?

ABJ: Eu diria que estamos com alguma expectativa. Não temos a capacidade do “toque de Midas” as situações são, obviamente, complicadas. Eu diria que os problemas do Boavista eram demasiadamente latos para se resolverem com facilidade mas temos algum conforto. Por exemplo, ter uma empresa como a Portugal Telecom (PT) que tem intenções, mesmo que momentaneamente, num jogo de futebol com fins de caridade, em ser nossa parceira, naturalmente dá-nos um conforto que não teríamos se tivéssemos todas as empresas alheadas de nós. Ter tido um jantar como tivemos na Associação Comercial do Por-

to (ACP), em Dezembro, obviamente que é também importante para nós.

JPN: Essa parceria com a PT não esconde o elevado défice que o clube e a SAD registam conjuntamente e que decorre da gestão da anterior direcção...

ABJ: Não, claro que não! Não perca de vista que estamos a falar de um jogo de futebol, com uma equipa da dimensão do Benfica que se disponibilizou logo para estar presente nesta iniciativa. Não estamos a falar de receitas de um campeonato portanto temos que ter a noção das coisas, mas é muito agradável, resolve alguns problemas pontuais e se calhar ajuda-nos a ter mais fé no futuro.

JPN: Pode confirmar que a dívida que o Boavista comporta nas suas contas, actualmente, ronda os 100 milhões de Euros?

ABJ: Não são esses números. Julgo que neste momento, e porque é difícil contabilizar

juros ao dia, entre clube e SAD, a dívida poderá andar entre os 75 e os 80 milhões de Euros, somados os dados do clube e da SAD. Este valor decorre, sobretudo, dos encargos com o estádio e, aí, o Boavista foi claramente prejudicado em relação a todos os outros clubes quer nos apoios recebidos por via directa do Estado, quer nos apoios recebidos por via indirecta.

JPN: Esse montante específico já foi reduzido de alguma forma?

ABJ: Não, nem poderia ser. Neste momento, o que reduzimos foi todo o tipo de orçamentos. Temos 12 modalidades amadoras e 2 profissionais – o ciclismo, que é auto-suficiente, e o futebol. Neste último, reduzimos os orçamentos e, claro, com custos desportivos. Mas tinha que ser assim, pois de outra forma seria insustentável levar isto para a frente.

Continua em: <http://jpn.icicom.up.pt/2009/03/27/>

Álvaro Braga Júnior

“Dívida do Boavista ronda os 80 milhões de Euros”

Foto: Catarina Sampaio



Braga Júnior: "Não creio que alguém vá comprar o estádio do Bessa à espera de um milagre"

Com a crise económica em pano de fundo, Londres recebe as vinte maiores economias do mundo, com os holofotes a incidirem, em grande medida, sobre a actuação do líder norte-americano. José Pedro Pinto – ljcc06050@icicom.up.pt

A Cimeira do G-20 arranca esta quinta-feira, em Londres, com o principal tema a incidir sobre o estado da economia mundial. O encontro, que servirá para as vinte maiores economias do mundo debaterem e lançarem medidas de estímulo económico, reúne grandes expectativas devido à presença de Barack Obama.

O presidente dos Estados Unidos (EUA) marca presença na Cimeira do G-20 ao lado de uma União Europeia (UE) céptica quanto às medidas comuns a todas as nações que Obama quer ver aprovadas. Esse será, de resto, o grande “problema” que o líder norte-americano terá que enfrentar, segundo Marina Costa Lobo. Em declarações ao JPN, a especialista em política internacional considera que as relações crispadas entre os Estados Unidos e a UE podem entrar em um eventual entendimento a sair da cimeira já que, afirma, a comunidade europeia é “um gigante económico mas ainda não tem uma unidade política”.

“A bola está mais do lado da UE do que de Barack Obama porque ele já tomou uma série de medidas que vão de encontro às expectativas e desejos do eleitorado europeu e continua muito popular. O problema é que a Europa é um gigante económico mas ainda não tem uma visão estratégica do que pretende”, reconhece a especialista, usando como exemplo as posições assumidas por Nicolas Sarkozy nos últimos dias:

“Ele (Sarkozy) está a acentuar a necessidade de uma maior regulação financeira e menor amplitude em medidas fiscais expansivas, que é o programa que tem sido seguido por Barack Obama. Mas mesmo aqui, não há consenso, porque nem todos os países da UE estão de acordo”.

Contudo, Marina Costa Lobo relembra que, caso Obama não consiga recolher o apoio da UE (representada na cimeira pela presidência da união e pelo Banco Central Europeu), pode virar agulhas para outros países do grupo dos vinte. Até porque, esclarece a especialista, “o facto de Hillary Clinton ter feito a sua primeira visita enquanto Secretária de Estado à Ásia não é irrelevante”.

“Barack Obama tem uma perspectiva mais virada para a política externa do que George W. Bush mas é claro que o presidente dos Estados Unidos não vai ficar à espera que a UE se decida. Se não sentir que há uma aliança forte deste lado do Atlântico é natural que tente encontrar outros parceiros em outros pontos do globo onde a sua acção e coordenação seja mais bem-vinda”, avisa Marina Costa Lobo.

As propostas que vão estar em discussão na Cimeira do G-20 centram-se na recuperação económica à escala global com medidas de estímulo económico coordenadas entre todas as nações, o reforço financeiro do Fundo Monetário Internacional (FMI) e uma maior ajuda aos países em vias de desenvolvimento, os mais afectados pela crise. Recorde-se que as nações que fazem parte do G-20 são: África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, Coreia do Sul, França, Índia, Indonésia, Itália, Japão, México, Rússia, Turquia, Reino Unido, Estados Unidos e União Europeia.

Foto: Flickr/Chad Davis



Barack Obama tem teste de fogo na Cimeira do G-20

Cimeira do G-20: Decisiva para o mundo e para Obama

FICHA TÉCNICA Director Rui Centeno. **Coordenador Geral** Fernando Zamith. **Coordenadores de Área** Helder Bastos, Helena Lima Isabel Reis, Pedro Leal, Sandra Sá Couto. **Chefe de redacção** Tiago Reis. **Chefe de Redacção Adjunto** Amanda Ribeiro, Ana Margarida Pinto, José Pedro Pinto. **Redactores** Andreia Azevedo, Daniela Espírito Santo, José Pedro Pinto, manaira Aires, Mariana Albuquerque, Mariana Duarte, Miguel de Azevedo Carvalho, Rita oliveira, sônia silva e Sá, verónica Pereira. **Coordenação Técnica** Tiago Reis. **Desenvolvimento Multimédia** Tiago Reis. **Técnicos de Audiovisual** Ricardo Fortunato, Liliana Rocha Dias, Pedro Pacheco. **Coordenação Gráfica** Bruno Giesteira, Cristina Fonseca, Emilia Costa. **Design Gráfico** Ana Gomes.

Praias do Porto são candidatas à bandeira azul

Sónia Silva Sá - jpn@icicom.up.pt

O Porto espera conseguir, este ano, duas praias com bandeira azul. A empresa municipal Águas do Porto apresentou a candidatura das praias do Homem do Leme e da Foz ao título.

As praias da cidade do Porto estiveram interditas a banhos até 2006. As análises à qualidade da água revelaram melhorias em 2007. Já em 2008, todas as praias entre o Castelo do Queijo e a Foz do Douro, foram classificadas como zonas balneares.

Foi nesse ano que a Homem do Leme conquistou a primeira bandeira azul para uma

praia da cidade do Porto. No entanto, a bandeira só esteve hasteada durante um mês. A praia perdeu o galardão, por ter obtido duas análises à água com resultados “aceitáveis”. A bandeira foi arriada sob as críticas dos partidos da oposição.

Este ano, repete-se a candidatura da Homem do Leme e pede-se a bandeira também para a zona balnear da Foz. Joana Araújo, da Águas do Porto, acredita que estão reunidas as condições para que o Porto tenha praias com bandeira azul. “Pelo menos em termos de qualidade de água permitiram-nos qualificar-nos para a candidatura candidatura [Ouvir]”, afirma.

Este é um galardão importante para qualquer praia. “Uma praia com bandeira azul é uma praia que tem uma excelente quali-

dade de água”, afirma Joana Araújo. “E também tem outros 24 factores que tem a ver, tanto com equipamentos, como com serviços, acessos à praia, educação ambiental”, entre outros, conclui.

Em parceria com a Universidade do Porto, a empresa Águas do Porto está a avaliar a poluição e a qualidade das águas do Porto. De momento, estão a fazer trabalhostrabalhos [Ouvir] nos rios Douro e Leça, bem como noutras ribeiras da cidade.

Os objectivos da Águas do Porto são reduzir as perdas de água na cidade, conseguir ter uma cidade ligada ao saneamento e obter bandeiras azuis para as praias. Estão também a criar ciclovias que vão ligar percursos entre pólos universitários e estações de metro.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/02/>

Caso da explosão na Rua de Santa Catarina começa a ser julgado

Rita Oliveira - ljjc06016@icicom.up.pt

Julgamento do único arquido do caso da explosão na Rua de Santa Catarina em 2005, teve início esta quarta-feira. Comerciantes da zona ainda lamentam os prejuízos da altura.

Começou, esta quarta-feira, no Tribunal de S. João Novo, o julgamento do merceiro que, em 2005, foi acusado de uma trasfega ilegal de gás que terá provocado uma explosão num prédio de três andares na Rua de Santa Catarina. O incidente provocou a morte de um casal de idosos e, além dos vários feridos, deixou sete famílias desalojadas. José Maria da Cunha Ferreira foi constituído o único arquido no caso, ao ser

acusado de ter uma trasfega de gás ilegal. O merceiro vai ser julgado por vários crimes, incluindo dois homicídios.

Maria Teresa, proprietária de um estabelecimento comercial ao lado do antigo prédio, teve de reconstruir grande parte da loja devido ao incêndio. Ao JPN, a comerciante confessou não ter ainda recuperado o dinheiro que investiu nas obras de reabilitação.

“Na altura estragou-se muita coisa. Os vidros partiram-se todos, os produtos que estavam nos armários caíram todos e o seguro demorou muito tempo a pagar parte dos estragos”, conta a lojista ao JPN.

Também Arminda Rola, que tem uma florista encostada ao edifício afectado - agora vazio - diz que na altura foi difícil restabelecer a clientela. “As pessoas não passavam por aqui e quando passavam era do outro lado da rua. Tinham medo”, disse.

O prédio nunca voltou a erguer-se e nunca foi feito nenhum tipo de obras, apesar de o senhorio ter sido contactado pela Câmara do Porto para realizar obras num prazo de 120 dias.

A JPN tentou obter a reacção da autarquia mas não obteve qualquer resposta.

<http://jpn.icicom.up.pt/2009/04/01/>